Prefácio

Maurício de Almeida Abreu

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ABREU, M.A. Prefácio. In: LOURENÇO, L.A.B. *A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista Triângulo Mineiro (1750-1861)* [online]. Uberlândia: EDUFU, 2005, pp. 15-16. ISBN 978-85-7078-516-9. <https://doi.org/10.7476/9788570785169.0001>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Prefácio

A geografia histórica brasileira vem passando por um momento bastante promissor. Depois de um longo período em que o passado foi somente tratado como cronologia, como sucessão, ou então incorporado à análise geográfica apenas como dimensão explicativa de formas morfológicas do presente, eis que vemos surgir trabalhos que conseguem se libertar dessas limitações e/ou amarras nefastas e que mergulham o olhar geográfico em tempos idos sem a obrigação de conduzi-los até o momento atual. Ao concentrarem atenção em períodos definidos, isto é, ao realizarem cortes sincrônicos, esses estudos aprofundam nosso conhecimento do passado, atestam quão grande é o manancial de temas que a geografia deixou até agora inexplorado, e, finalmente, reafirmam a disciplina como produtora de conhecimentos sobre a sociedade brasileira, qualquer que seja a duração do tempo em que ela esteja inserida. A excelente dissertação de mestrado elaborada por Luís Augusto Bustamante Lourenço, que agora chega ao grande público sob a forma de livro, preenche, de forma admirável, todos esses requisitos.

Trata-se, com efeito, de uma obra que se destaca no cenário intelectual pela sua qualidade. Embora seu objetivo maior — plenamente alcançado — tenha sido o de analisar os primeiros momentos da produção do espaço regional conhecido hoje como Triângulo Mineiro, identificando os agentes que nela intervieram, as formas que produziram e os conflitos que geraram, a verdade é que o autor nos brinda com um estudo que ultrapassa, em muito, a recuperação de um processo histórico regional. Trabalhando muito bem com as diversas tradições geográficas, Luís Augusto consegue, em primeiro lugar, associar as preocupações clássicas da morfologia da paisagem com os referenciais teóricos da geografia crítica, não abrindo mão, por outro lado, de fazer uso eficiente e adequado dos instrumentos metodológicos que o neopositivismo nos proporcionou. Em segundo lugar, revela a rara capacidade de trafegar bem pelas escalas de análise da geografia e da história, integrando com bastante propriedade o universal, o particular e o singular; em outras palavras, consegue não apenas relacionar formação social com região

e lugar, mas também os tempos longos com as conjunturas e os eventos. Em terceiro, faz dialogar o empírico com a teoria por todo o trabalho, demonstrando, ademais, sólida sustentação em fontes primárias e secundárias. Em quarto, utiliza essas fontes de maneira exemplar, encapsulando-as em mapas, gráficos, pirâmides populacionais e esquemas variados, em tudo revelando domínio das técnicas que permitem ao geógrafo relacionar ações com materialidades. Finalmente, oferece-nos um texto que está ancorado nos ditames da seriedade acadêmica, mas que é, ao mesmo tempo, leve e de agradável leitura, qualidade rara nos dias de hoje.

Por todas essas qualidades, este livro torna-se, desde já, leitura obrigatória não apenas para os que se interessam pela história do Triângulo Mineiro, que terão nele uma obra de referência, mas também para os que procuram um modelo de geografia histórica bem feita. Esperemos todos que seu efeito demonstração se difunda pelo país, pois sem ocupar o lugar que lhe cabe na análise do passado, isto é, sem produzir geografias do passado, a geografia brasileira jamais poderá atingir seu objetivo de contribuir plenamente para o entendimento do processo de produção do território nacional. Sendo a geografia uma forma de abordagem do real, o que a distingue das outras ciências sociais não é a duração do tempo que ela estuda, mas as questões que coloca para o entendimento da sociedade. E essas questões não podem ser apenas as do presente. Passado, presente e futuro são categorias eminentemente sociais, e não categorias determinadoras da geografia ou de qualquer outra ciência social. Todas trabalham com as três. São as conexões que tentam fazer que dão peculiaridade a cada uma. Com o estudo feito por Luís Augusto Bustamante Lourenço, temos um bom exemplo de quais são essas questões geográficas e de como as conexões que a disciplina realiza contribuem para um maior conhecimento da sociedade brasileira.

Maurício de Almeida Abreu
Departamento de Geografia da UFRJ